



MULHERES NO MARACATU DE PERNAMBUCO: DIMENSÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL NA LITERATURA E NOS DOCUMENTOS OFICIAIS.

Ighara de Oliveira Neves¹; Lady Selma Ferreira Albernaz²

¹Estudante do Curso de Ciências Sociais – CFCH – UFPE; Email: igharaoliveira@yahoo.com.br,

²Docente/pesquisador do Depto de Ciências Sociais – CFCH – UFPE. E-mail: ls.albernaz@uol.com.br

Sumário: Este projeto tem como objetivo investigar a posição e participação de mulheres e homens dentro do maracatu pernambucano, a partir da literatura e documentos oficiais e da observação dos ensaios e apresentações do maracatu, considerando a inter-relação dos marcadores de gênero, raça e classe social num contexto de valorização da cultura popular. Estes dados servem de base para contextualizar o maracatu, trabalhando estas temáticas. Isso só foi possível a partir de uma bibliografia discutida e do trabalho de campo que contou com visitas aos grupos, entrevistas e participação nos principais eventos onde os maracatus se apresentaram. A partir da análise desses materiais, além das discussões promovidas durante a pesquisa, percebemos que o maracatu é uma expressão mista, onde homens e mulheres podem participar. Os novos espaços demarcados para elas, muitas vezes atuando em campos antes permitidos apenas para os homens, nos mostram que muitas mudanças aconteceram no decorrer do tempo. A partir disso foi possível concluir que os maracatus são espaços mistos, onde as mulheres adquiriram status e novos posicionamentos nos últimos anos, sendo figuras importantes dentro dos grupos. Entretanto, a regra geral parece destinar aos homens o poder temporal e às mulheres a proteção espiritual, o que com o fortalecimento dos batuqueiros, pode implicar em maior visibilidade e poder para os mesmos.

Palavras-chave: cultura popular; gênero; maracatu; mulheres; posições

INTRODUÇÃO

Localmente a origem do maracatu está relacionada à coroação dos reis do Congo, no período colonial brasileiro. Atualmente os grupos são compostos de uma corte (rei, rainha, nobreza, serviçais, com denominações locais específicas) e de um conjunto de batuqueiros que tocam instrumentos de percussão. Dentro da corte há uma boneca (calunga) que encarna divindades religiosas, comportando os fundamentos espirituais que protegem o grupo e para quem se faz a festa. A busca por uma origem está presente na literatura de Guerra Peixe, assim como na maioria dos folcloristas do início do século passado. Este grupo de estudiosos analisava a cultura como algo que deveria permanecer imutável, pois as modificações em sua estrutura seria algo prejudicial, que acabaria com a tradição, neste caso, com os maracatus “originais”. Atualmente, este debate sobre tradição ainda é algo importante no discurso dos membros dos maracatus. Do ponto de vista de gênero o maracatu é percebido como neutro, mas com assimetria nas posições e nos poderes de homens e de mulheres. Para entender as posições das mulheres não apenas na esfera da cultura, neste caso de uma expressão cultural como o maracatu, mas também no meio social como um todo, é preciso fazer uma análise teórica do gênero. De acordo com Joan Scott (1996) é a sociedade e não a biologia que define o comportamento humano por meio da cultura, dos valores e dos símbolos. A cultura seria responsável pela dicotomia homem/mulher. Por isso os espaços e posições das mulheres e dos homens dependem da



classificação cultural sobre o masculino e o feminino, que opera orientando as relações sociais, sendo necessário uma análise de gênero para identificar como isso ocorre. A partir da compreensão desta dualidade podemos entender a divisão existente entre as atribuições de mulheres e homens dentro dos maracatus, como por exemplo, quais os espaços que podem ser ocupados por elas e como eles são explicados, bem como os espaços masculinos. A partir destas considerações fica mais fácil entender e pensar como gênero opera no maracatu, levando em consideração outros marcadores como raça e classe social e assim poder analisar os motivos pelos quais os espaços tomam a atual configuração. Foi com este intuito que iniciamos a pesquisa, não em busca de respostas exatas, por se tratar de algo não mensurável, mas em busca de explicações que nos façam compreender a realidade, podendo participar ativamente no contexto em que nos inserimos.

MATERIAIS E MÉTODOS

As primeiras etapas realizadas para o desenvolvimento da pesquisa foi o planejamento das atividades e o treinamento com as orientandas. Inicialmente foi feita uma revisão da literatura sobre maracatu e discussões dos principais conceitos utilizados na pesquisa. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bibliotecas da UFPE e a partir disso foram feitos debates sobre os principais temas estudados. É importante ressaltar que a princípio seriam feitas pesquisas diárias em jornais, mas isso não foi possível por falta de financiamento. Uma outra etapa desenvolvida foi o trabalho de campo. A partir de setembro os maracatus começaram os ensaios nas sedes, onde pudemos participar das atividades e fazer as observações necessárias. No total participamos dos encontros de cinco grupos da região metropolitana do Recife, mantendo tudo informado nos diários de campo que foram produzidos por todos os membros da equipe, esta, contava com mais uma graduanda e uma aluna do mestrado. Em fevereiro, quando se intensificam os preparativos para o carnaval, passamos a observar os eventos nos quais os maracatus foram o foco, além dos ensaios nas sedes dos grupos que se tornaram mais frequentes. Neste período participamos dos ensaios realizados na Rua da Moeda, a prévia da noite dos tambores silenciosos de Recife e a própria noite dos tambores silenciosos de Olinda. No carnaval acompanhamos a noite de abertura do carnaval, que contou com 14 grupos de maracatus nação tocando sob a regência de Naná Vasconcelos, no marco Zero do Recife, bem como a noite dos Tambores Silenciosos. Outro evento importante que tivemos acesso foi o desfile das agremiações carnavalescas do Recife, o resultado com os grupos campeões só saiu uma semana depois e estivemos presente também neste momento da apuração dos votos. Após o trabalho de campo fizemos uma nova revisão da bibliografia sobre maracatu e discutimos os textos teóricos. Analisamos também os levantamentos realizados durante os meses anteriores e foram iniciadas as entrevistas, no total de 18 das quais tomei parte em três. Destaco que a análise aqui apresentada tem como fonte principal as observações de campo e conversas informais, posto que não houve tempo de transcrever as entrevistas. Isto ocorreu porque o calendário das mesmas dependia do calendário do maracatu, não sendo possível realizá-las antes¹.

RESULTADOS

Os maracatus são percebidos como neutro no que se refere a gênero, mas com assimetria nas posições e nos poderes de homens e de mulheres. Para se compreender o posicionamento destas dentro do folguedo é preciso fazer uma análise teórica do gênero. Entender como o gênero opera na sociedade para a partir disso, entender os motivos pelos

¹ Estes dados serão tratados no trabalho de mestrado desenvolvido dentro da pesquisa.



quais os espaços se classificam como masculinos ou femininos. No maracatu, a regra geral parece destinar aos homens o poder temporal e às mulheres a proteção espiritual. Eles predominam e lideram os batuqueiros e até recentemente as mulheres não podiam tocar. Na corte as mulheres parecem preponderar, sendo a rainha figura importante que zela pelo grupo e prolonga a força espiritual das calungas. Os homens ocupam posições de decisão relativas à organização das apresentações, pois o “coração” do maracatu é o batuque, que eles lideram e conduzem. A posição das mulheres varia de acordo com a história e os arranjos das relações dentro de cada maracatu. Há grupos onde o poder feminino recai na calunga, que pode ou não desdobrar-se para a mulher que a carrega durante o cortejo. Há outros em que as rainhas são a liderança e cuidam da organização do grupo. As mulheres dentro do batuque tocam quase todos os instrumentos, entretanto, foi incluído recentemente um novo tipo, o abê, que tende a ser considerado o mais adequado para elas. Considera-se ainda que a liderança (o mestre do batuque) deve permanecer masculina e realizada por um homem. Esta configuração comporta muitas ambigüidades, dando a cada grupo muitas possibilidades de arranjos na distribuição do poder e dos recursos dentro dos maracatus em Pernambuco.

DISCUSSÃO

A partir da leitura de Lima (2008) constatamos que as poucas informações encontradas pelo autor relatam apenas o maracatu no período carnavalesco, quase sempre destacando as brigas que ocorriam entre os grupos. Existem poucos relatos sobre o folguedo, principalmente quando pretendemos analisar a posição das mulheres dentro dele. Elas dificilmente são comentadas, aparecem mais como figuras religiosas, donas de casas de santo ou rainhas de maracatus. Quem tem destaque são os homens, pela sua força na hora das lutas ou como donos dos grupos. Ainda no início do século, alguns folcloristas passaram a estudar os maracatus como expressões da cultura popular. Dentro deste grupo de folcloristas nos apegamos a três, considerados pelos pesquisadores atuais como os mais importantes para o estudo do maracatu. Entre eles está Guerra Peixe, sempre utilizado nas discussões sobre o tema. Peixe (1955) nos traz poucas informações, assim como Mario Sette (1958), sobre as posições das mulheres nos grupos observados por eles. Merece destaque Katarina Real que também faz um estudo antropológico sobre os maracatus. A autora escreveu em um período em que Dona Santa era uma famosa rainha do maracatu Elefante, porém, Katarina preferiu escrever a história de Eudes, rei do maracatu Porto Rico. Dona Santa é apenas citada em seu livro “Folclore no carnaval do Recife”, como uma figura religiosa importante conhecida como “preta velha”, além de ter sido dona do maracatu. Atualmente verificamos que o poder feminino está mais realçado no plano espiritual que no temporal e que o gênero ordena as posições dentro do maracatu, mas nem sempre ter um valor simbólico se desdobra em um poder temporal.

CONCLUSÕES

Através da análise do material coletado, tanto bibliograficamente quanto na pesquisa de campo, foi possível perceber as modificações ocorridas no posicionamento das mulheres nos grupos de maracatu. Os novos espaços demarcados para elas, muitas vezes atuando em campos antes permitidos apenas para os homens, nos mostram que aconteceram mudanças no decorrer do tempo. Porém, estas mudanças ainda são vistas como pontos negativos por parte de alguns grupos ou indivíduos que prezam pelo fator “tradição”, acreditando que o maracatu perderia sua “originalidade” a partir destes novos espaços. No maracatu, a regra geral parece destinar aos homens o poder temporal e às mulheres a proteção espiritual. Eles predominam e lideram os batuqueiros e até recentemente as mulheres não podiam tocar.



Na corte as mulheres parecem preponderar, sendo a rainha figura importante que zela pelo grupo e prolonga a força espiritual das calungas. Os homens ocupam posições de decisão relativas à organização das apresentações, pois o “coração” do maracatu é o batuque, que eles lideram e conduzem. A posição das mulheres varia de acordo com a história e os arranjos das relações dentro de cada maracatu. Há grupos onde o poder feminino recai na calunga, que pode ou não desdobrar-se para a mulher que a carrega durante o cortejo. Há outros em que as rainhas são a liderança e cuidam da organização do grupo. As mulheres dentro do batuque tocam quase todos os instrumentos, entretanto, foi incluído recentemente um novo tipo, o abê, que tende a ser considerado o mais adequado para elas. Considera-se ainda que a liderança (o mestre do batuque) deve permanecer masculina e realizada por um homem. Esta configuração comporta muitas ambigüidades, dando a cada grupo muitas possibilidades de arranjos na distribuição do poder e dos recursos dentro dos maracatus em Pernambuco.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar os agradecimentos fazendo uma referência a minha orientadora Lady Selma, que tornou possível a realização desta pesquisa. Agradecer igualmente à UFPE. Por último, Gibran Khalil que me ajudou bastante durante todo o processo de coleta de dados e discussão dos temas.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular? São Paulo, Brasiliense, 1981.
- AYALA, Marcos. Cultura Popular no Brasil. São Paulo, Ática, 1995.
- LIMA, Ivaldo M. F. Cultura Afro-descendente no Recife. Maracatus, Valentes e Catimbós. Recife: Bagaço, 2007
- LIMA, Ivaldo M. F. Maracatus-nação: ressignificando velhas histórias. Recife: Bagaço, 2005.
- PEIXE, Guerra. Maracatus do Recife. Rio de Janeiro, Ricordi, 1955.
- REAL, Katarina. Eudes: o rei do maracatu. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2001.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo - Gênero e Cidadania, 1996.
- STOLCKE, V. “Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?” Estudos Afro-Asiáticos (20): 1991, pp.101-9.